



COMUNICON2018
congresso internacional
comunicação e consumo

6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL
7º ENCONTRO DE GTS DE PÓS-GRADUAÇÃO
3º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO

Intensidades de Concreto e Alma: Derivas Urbanas pela Cidade de São Paulo¹

João Marcelo Flores de Bras²

Milena Santana Signor Avela³

PPGCOM Universidade Paulista - UNIP

Resumo

Este artigo apresenta e discute uma perspectiva de pesquisa, de inspiração etnográfica, que intenciona somar com a construção conceitual para exploração de espaços e territórios, por meio da caminhada livre pela cidade, mais especificamente na região da Vila Madalena, denominado informalmente como “Beco do Batman”. Buscando compreender os processos de comunicação e cultura no cotidiano urbano, sugerindo uma aproximação entre a investigação formal e a deriva (CRUCES, 2016), pela capacidade de trânsito juvenil daquele local, em processos que confluem para o reconhecimento de diferentes paisagens que (re)constróem e ressignificam maneiras de ser e estar híbridos. A proposta demonstra que as percepções não são prontas para colar em teorias, de forma que o pesquisador se apropria e sente antes de compreender (MAFFESOLI, 1998). Trata-se de uma construção metodológica na qual é o próprio ambiente quem revela ao pesquisador quais os afetos que estão interferindo no processo. Como resultado, as condições e possibilidades do trabalho de campo guiados pela cidade, se contrapondo com a hierarquia colonizadora do pesquisador em relação ao espaço.

Palavras-chave: Cosmopolita, arte urbana, juventudes, afetos e derivas urbanas.

Este artigo foi produzido a partir de inspirações etnográficas urbanas promovidas pela disciplina: Comunicação, vida urbana e cidades, 2018, guiados e orientados pela professora Dra. Simone Luci Pereira (PPGCOM Universidade Paulista – UNIP), de modo que as incursões pela cidade

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho GT 5 – COMUNICAÇÃO, CONSUMO E NOVOS FLUXOS POLÍTICOS: ativismos, cosmopolitismos, práticas contra-hegemônicas Coordenação: Profa. Dra. Rose de Melo Rocha, do 7º Encontro de GTs de Pós-Graduação - Comunicon, realizado nos dias 10 e 11 de outubro de 2018.

² Doutorando do PPGCOM Univ. Paulista. Pesquisa e atua na interface dos campos da Comunicação, Música e Consumo, com ênfase nos estudos sobre práticas midiáticas interculturais, culturas urbanas e juventudes pós-periféricas vinculadas às práticas de consumo e tecnicidades. Integrante dos grupos de pesquisa Juvenália, pela ESPM e MUSIMID pelo PPGCOM UNIP/ECA-USP, email: jmarcelobras@gmail.com.

³ Mestranda do PPGCOM Universidade Paulista – UNIP. Graduada em Comunicação Social – Relações Públicas, pela Universidade Metodista de São Paulo (2002), e-mail: signormila@hotmail.com



COMUNICON2018
congresso internacional
comunicação e consumo

6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL
7º ENCONTRO DE GTS DE PÓS-GRADUAÇÃO
3º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO

de São Paulo fazem parte prática do reconhecimento de novas maneiras de observar a cidade em sua complexidade híbrida e mutante. Alguns espaços públicos paulistanos assumem maneiras transversais de ocupação, reconfigurando e revelando novos protagonismos juvenis, inspirados na potência dos afetos cotidianos, em formatos audaciosos de ocupar os espaços, de ser e estar na cidade, em uma lógica de mobilidades de sentidos e territórios juvenis. Os espaços juvenis da cidade, permitem observar os encontros entre múltiplas percepções, que se apropriam e tomam estes territórios de maneira variada, dependendo do dia e horários, assumindo uma disposição maior para a circulação de turistas interessados nas coloridas paredes, repletas de grafites e os bares e restaurantes instalados na região. Nos finais de semana predominam, além dos turistas, jovens de diversas localidades da cidade, trazendo modos diversos de aproveitar a região, ver e serem vistos, em estratégias de visibilidades que envolvem prioritariamente as redes sociais.

A metodologia aplicada neste artigo foi inspirada nos textos sobre derivas para compreender os espaços urbanos, a partir de: Delgado (1999), Cruses (2016), Careri (2013), Jacques (2012), Gonzáles-Victoria (2011) e Haesbaert (2002). Ainda articula-se Certeau (1994), Garcia-Canclini (2000) e Spinoza (2008), como referências que direcionam a linha de pensamento que atravessam as trajetórias cosmopolitas sobre criatividade dispersa, juventudes, afetos e hibridismos culturais. A inspiração etnográfica é uma forte marca dos trabalhos realizados e orientados por Borelli e Pereira (2015), bem como Herschman (2014), colocando-se como um campo dos estudos de comunicação importantes para refletir sobre as formas de comunicabilidade do urbano.

O conceito de juventude e culturas juvenis, trabalhado por Silvia Borelli (2009) e Carles Feixa (2004), nos é caro, assim como o conceito de estigma social (GOFFMAN, 1998), com o intuito de explorar como se dão as relações sociais, culturais e comunicacionais na região estudada.

A proposta ainda apresenta, trazendo para o debate, uma demonstração da aplicação teórica no campo de inspiração etnográfica de estudos urbanos, de maneira que a pesquisa possa fazer uso de ordens sensíveis da observação flutuante (DELGADO, 1999), para perceber seus atores, em polifônicas ordens de representação de identidades, sentidos de derivas reconfiguradoras do urbano (CRUCES, 2016). Utilizamos a proposta de caminhar pela cidade à deriva (CARERI, 2002), necessária para conhecer e entender o uso dos espaços da cidade, por partir da afirmação que a cidade é uma sujeito ativo e pulsante; e que este constante dinamismo e mutação só pode ser percebido, vivo e observado, quando estamos caminhando pela cidade, ou à deriva. Esta metodologia de incursão pelo território



COMUNICON2018
congresso internacional
comunicação e consumo

6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL
7º ENCONTRO DE GTS DE PÓS-GRADUAÇÃO
3º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO

sugere a caminhada não pré-determinada pelo espaço, tendo um ponto de início e permitindo a observação no tempo suficiente para perceber os diferentes pontos, interações entre os que circulam e usam a região, sem rotas fixas, apenas seguindo os fluxos e vontades indicadas pelo espaço urbano, permitindo que a cidade releve no seu tempo os acontecimentos.

As caminhadas pelos espaços da cidade permitem uma observação de formas de ressignificar territórios urbanos, inventando práticas colaborativas no cotidiano das cidades (HERSCHMANN e FERNANDES, 2016).

A tarefa empregada nesta pesquisa foi a experiência do expectador atento, em novos sensoriais capazes de perceber novos tempos e espaços (DELGADO, 1999). Quando acredita-se ter compreendido a cidade, provavelmente significa que não entendeu o que é a cidade. O urbano acontece no campo do imediato, por vias tácticas (CEARTEAU, 1994), singular de um tempo e espaço, raramente ancorados em modelos fixos e cristalizados, dadas pela ordem urbanística. A metrópole é constituída pela percepção simbólica do humano que ocupa seus territórios, e, assim como a vida, transitória, morrendo e renascendo entre múltiplos conflitos e sintonias. Uma exigência de partes sensíveis que se acumulam, oriundas de diversas localidades, impregnadas na porosidade das articulações que formam nossas subjetividades, se acumulam em camadas para assinar hibridismos compolitanos.

Partindo da proposta de que a cidade pode ser um cenário inclusivo de subversões, o reconhecimento do espaço articula de maneiras tácitas ou explícitas, construções políticas, superando meras situações de visibilidades pela presença, para representações que excedem e englobam as demarcações previsíveis que estigmatizam e demonizam as partes mais carentes da cidade, promovendo a circulação mais democrática entre os espaços urbanos. Consideramos ainda o papel da cidade como protagonista, com ativa participação no ambiente, (LATOURETTE, 2012), levando em conta que a cidade como coautora, ou, neste caso, como objeto mediador, atuando como agente não humano de mudanças sobre os agentes ou aqui denominados sujeitos, que neste momento, estão na posição de mediados.

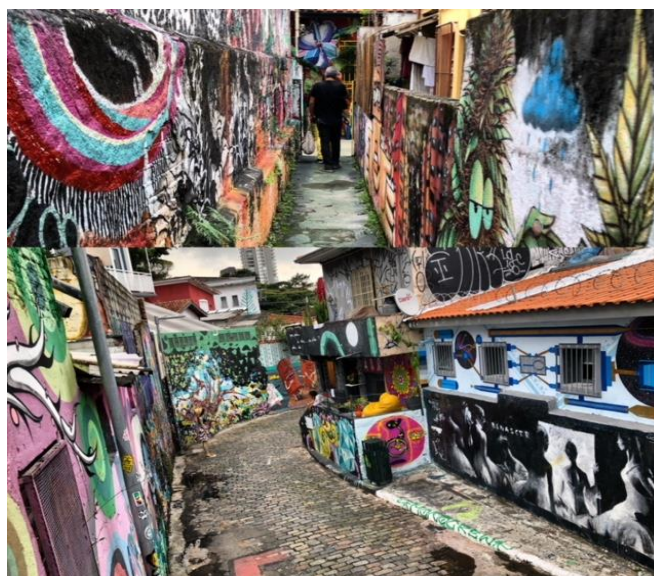
Ainda que em constante conflitos, a cidade nos permite viver e interagir em experiências de usos e apropriações, de negociações e resistência, onde podemos verificar diversos pontos de ruptura, que indicam uma diversidade de presenças configuradas pela arte construída nestes espaços onde foram realizadas as incursões etnográficas, assumindo que a fragmentação é uma maneira de viver o urbano. A arte de rua aproxima diferentes atores da cidade, elites e periferias que se misturam entre grafites,



música e poesia, que estimulam a reflexão sobre lugares de fala e pertencimento, capturando e envolvendo em um mesmo território, expectadores, criadores e comunidade. Durante a deriva no “Beco do Batman” o grupo (dez pesquisadores) entrou por um apertado corredor, que leva a uma edícula que abriga um espaço onde quatro artistas da grafite apresentam outros tipos de produção, desenvolvidos em latas de *spray*, pranchas de *skate*, telas e outras plataformas. Quem recebeu o grupo foi um jovem que se apresentou como “Ninguém Dorme”, que rapidamente demonstrou grande engajamento e desenvoltura, explicando sobre as formas de produzir arte de rua, a valorização dos vínculos através da presença, sua origem periférica, suas crenças religiosas de matrizes africanas, entre outras experiências que tornaram o encontro um dos pontos altos da incursão.

Fotografia 1: Corredor “Ninguém Dorme”.

Fotografia 2: Beco do Batman.



Fonte: Bras, J.M. (2018)

Nem sempre explícito, os fluxos dinâmicos de construção de sentido compreendem também o expectador, como parte essencial da representação dos espaços urbanos, já que a paisagem do ambiente, visual e sonora, é composta por sua interação, que pode ser engajada, descomprometida, circulante ou ainda, uma possibilidade de reconfigurar olhares para cidade e as diversas maneiras de estar e integrar com o Outro e suas subjetividades. Através do expectador, as marcações virtuais do espaço de circulação cidadã podem ser ampliados e discutidos, trazendo novas possibilidades de compreender, pela experiência do corpo, as pluralidades. O expectador não é compreendido neste artigo apenas como sujeito condutor isolado, mas como parte constituinte do território, podendo flexibilizar a sua ação e



COMUNICON2018
congresso internacional
comunicação e consumo

6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL
7º ENCONTRO DE GTS DE PÓS-GRADUAÇÃO
3º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO

romper as consequências de sua presença para a percepção do Outro. Essa potência do agir, pelos afetos (SPINOZA, 2008), sugere uma complexa rede de atores que, de maneira instável se adapta e reconfigura a cidade. A circulação em deriva explode e energiza os sentidos pelas experiências de percepção, tentativas de compreensão e interstícios entre essa razão e emoção, em um estado de permitir se “espalhar pelo urbano”, autorizando romper as linhas simbólicas que patrocinam as relações contidas, domadas, práticas usuais de garantia de espaços hegemônicos e colonizados. “Espalhar-se pelo urbano” é também assumir que a cidade é um sujeito ativo e pulsante, que está em constante produção de afetos e continuamente produzindo e permitindo interações e relações, ora como mediado, ora como mediador.

O Beco da Vila ou a Vila do Beco?

A área escolhida para a exploração etnográfica compreende a região oeste da cidade de São Paulo que, informalmente, é denominada Vila Madalena (distrito de Pinheiros), mais especificamente o entorno do “Beco do Batman”, uma região que aglutina diversos artistas das artes de rua, famosa por seus grafites, atraindo turistas de diversos países, como pode-se perceber caminhando por suas ruas. Sua vocação juvenil vem desde o início dos anos setenta, quando estudantes passaram a residir por lá, devido a proximidade à Universidade de São Paulo - USP e a Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUCSP. Lá há grande concentração de bares e casas noturnas, além da escola de samba Pérola Negra. Variados sotaques, línguas, culturas e intenções interagem com a paisagem, muito colorida e criativa, buscando registrar a experiência de um imaginário libertário em fotografias e vídeos. Além de atelies sofisticados e simples do entorno, ainda destacam-se diversos bares e outros aparelhos urbanos destinados ao entretenimento, que atraem juventudes diversas em busca de vínculos, sociabilidade e interações. Uma área que não se consegue enxergar usando apenas os olhos, que irradia um ideal de liberdades juvenis, ligadas as artes de rua, um território de compartilhamentos do pensar e sentir, entre seus labirintos de grafites efêmeros e arranjos artísticos de artes urbanas comercializada em suas extremidades. Um espaço que sugere questões ligadas a interculturalidade e hibridismo, (GARCIA CANCLINI, 2007).

O cosmopolitismo observado na cidade de São Paulo compreende a hibridação, relações entre o local e o global, em uma diluição da rigidez entre os espaços de um uso público do espaço privado. Colocam-se casa e trabalho, profissional e amador, natural e artificial, arte e vida, entre outros marcos



COMUNICON2018
congresso internacional
comunicação e consumo

6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL
7º ENCONTRO DE GTS DE PÓS-GRADUAÇÃO
3º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO

normativos que não acabaram, mas se pluralizaram e se borraram (CRUCES, 2016), em formas de vinculação que se dão por outras formas, articuladas por negociações e resistências. Estas disputas políticas pela cidade apontadas por Harvey (2012), questionam o tipo de cidade que se quer, e o direito de estar no urbano, de maneira que não pode ser divorciada do tipo de laços sociais, acesso a natureza e acesso as tecnologias. Pretende ser um direito comum, coletivo, para mudar a cidade em suas dinâmicas que privilegiem as formas de viver no cotidiano local de cada cidade (HARVEY, 2012). Em comum, demandas econômicas colaboram para criar lógicas de vida, hegemônicas ou alternativas, em disputa e negociação. Equaliza modos de vida através do consumo e suas representações simbólicas.

Funde o objeto, em suas multiplas vozes, em um tempo e espaço restritos para os olhares dos observadores do instante. O espaço público jamais é uma substância fixa, e não pode caber na compreensão unilateral de mundo, convertido em ilusões de verdades, por práticas intelectuais que contraem o presente fugitivo complexo em uma construção planificada. Uma disposição do ponto de vista da singularidade da existência do observador que atravessa os espaços de pesquisa, o que não significa vulgarizar a voz dos atores em suas performances, em nome de arrojadas legitimações acadêmicas. A opção deste artigo é trazer resultados sobre as possibilidades do sentir, manifestadas presencialmente nas incursões realizadas. As identidades encontradas pela cidade podem ser compreendidas como manifestações da imanência, com pretensões de permanência, uma manifestação individual de reconhecimento em relação ao coletivo. Provocações pela arte, ilusões de converter raros instantes de alegria em eternidade, um horizonte utópico que transcende o presente. O pertencer ao espaço coletivo, através da produção estética, permite capturar momentos da vida destes jovens para compartilhar com os outros, envolvendo declarações de liberdade como artes de ação (GONZÁLEZ-VICTORIA, 2011).

Os espaços de encontro fazem parte do imaginário urbano, que constróem modos de representar estes espaços, mediados através de reportagens, publicações em redes sociais ou outras maneiras que filtram e limitam a experiência, não raramente hipertrofiada e carregada de estigmas.

As derivas por espaços de encontro juvenis nos permitem visualizar que a busca por estar e pertencer à lugares, para a criação e manutenção de vínculos, afetos e socialidades, propicia o reconhecimento e o pertencimento da sua manutenção nos grupo e em grupos de afinidades, configurando assim suas identidades. Identidade compreendida neste artigo a partir do pensamento de Hall, (1997), onde as concepções das contruções identitárias, são baseadas em trocas, interações,



COMUNICON2018
congresso internacional
comunicação e consumo

6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL
7º ENCONTRO DE GTS DE PÓS-GRADUAÇÃO
3º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO

disputas e negociações. Considerando sempre que tais identidades são fragmentadas, descentralizadas ou deslocadas por forças para centrífugas, como pontos de sutura (HALL, 2000), que vão unindo e tecendo, mesmo que nem sempre de maneira harmônica, a formação do sujeito.

Por outro lado, complementar, estão os expectadores presenciais, que encontram nestas áreas de encontro possibilidades de transcender a experiência mediada, componente fundamental para reconhecimento inclusivo da cidade. Circulando, consumindo e usando de variadas estratégias de visibilidades, compõem a experiência da região da Vila Madalena, de modo a tornar o espaço público mais acessível para diversidade juvenil. A proposta epistemológica do pós-periférico⁴ adere também a abordagem deste artigo, já que compreende esta possibilidade de um espaço que é atravessado pelo trânsito diverso destas culturas juvenis, conforme percebemos pela narrativa de artistas locais como o articulado “Ninguém Dorme”, que se desloca do extremo da zona norte paulistana para compor a cena urbana das artes de rua na região do “Beco do Batman”.

As resistências e apropriações juvenis urbanas, em suas diversas investidas, acontecem pelas vias culturais, marcadas pelo colorido, festas e diversificadas formas de provocar, descrever e dar visibilidade para as experiências criativas de produção do saber que não desprezam os saberes estabelecidos mas que não são singulares e cristalizadas. Estas reflexões sobre excluídos abordam novas formas de produção e distribuição que superam as normatividades hegemônicas, propondo alternativas que mobilizam contextos subalternos e renovam significados do espaço cosmopolita.

As emergências do popular explodem em criatividade dispersas (CERTEAU, 1994), entre crises e tensões que provocam a desregulação das forças sociais do Estado, que mostra-se incapacitado para suprir as necessidades básicas das juventudes urbanas, em especial dos moradores das bordas urbanas, que produzem novas maneiras de se renovar e usar o sistema, dando visibilidade para suas produções artísticas, que fora dos espaços “permitidos” costumam ser reprimidas e demonizadas, já que se apropriam de espaços simbólicos destinados para as elites hegemônicas. O sagrado e o profano, tradicional e arcaico rearticulados através das aspirações juvenis de um desejo de uso do ambiente urbano. Estes seres desejanter e carentes, que renegam a dominação, resgatam e resignificam o discurso

⁴ Pós-periféricas – abordagem desenvolvida por Rose de Melo Rocha, Simone Luci Pereira e, Josimey Costa da Silva (2015), que propõe cenários culturais e comunicacionais, em que as fronteiras rígidas entre centro e periferia se encontram menos nítidas, exigindo uma perspectiva epistêmica que possibilite a compreensão de realidades complexas, onde este trânsito entre estes espaços ocorre. Fluxo é o nome dado pelos próprios frequentadores para as festas informais de funk que ocorrem na rua.



COMUNICON2018
congresso **internacional**
comunicação e consumo

6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL
7º ENCONTRO DE GTS DE PÓS-GRADUAÇÃO
3º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO

de consumo e poder. Uma escolha de trajetória inversa do modelo atual, denominada como uma razão cosmopolita (SANTOS, 2007), que expande o presente e contrai o futuro, de maneira que possibilita o espaço-tempo para conhecer e valorizar a experiência social que está em curso, evitando o desperdício da experiência sofrida no presente. Assim como a vida, a cidade não se repete, e invoca um instante intenso e imediato.

Mapear frequentadores em uma lógica tão dinâmica na cena ou território urbano, de espaços de encontro, envolve um contexto veloz, a cada dia novas corporalidades, associações e caminhos surgem. As circulações urbanas revelam, nestas culturas juvenis, uma alta capacidade de não se intimidarem pelas pressões impostas pelas desigualdades sociais. Usam um repertório motivado por adesões identitárias, muitas vezes relacionado a localismos, que “viralizam” quando compartilhados em redes sociais, em letras musicais e grafites. As ideias são processadas por estes jovens e rapidamente apropriadas em construções simbólicas de um imaginário urbano de sucesso, via consumo; as situações são festas e estrapolações de tudo que sempre mantiveram reprimidos simbolicamente. O consumo e a participação midiática ficaram mais perto de suas perspectivas simbólicas, abrindo uma “nova versão” das juventudes, onde as palavras “luxo” e “glamour” são representados e entoados com muito mais força do que a desgastada repetição que a mídia hegemônica propõe de “violência” e “criminalização”.

Estas produções consolidam afetos (ROCHA, 2010), em novos sensórios que permitem estar e sentir os espaços urbanos, de maneira que estas experiências influem projeções dos desejos destas juventudes, demonstrando suas carências e necessidades pela negação de oportunidades, sempre em linguagem de aproximação pela arte, que celebra, estreitando cumplicidades e singularidades, muitas vezes determinadas pelo desejo de pertencer. O diálogo que estes jovens constroem transcendem os cotidianos repletos de estigmas (GOFFMAN, 1988) e normatividades, de um modo que, segundo Hall (2003), entendemos que a vida social e a formação das identidades destas juventudes consistem em incorporar e resistir, construir e reconstruir sentidos, considerando a possibilidade de negociação. Estas representações que proporcionam a sua circulação, ainda que virtual, pelos espaços que muitas vezes foram reprimidos de maneira real e simbólica.



COMUNICON2018
congresso internacional
comunicação e consumo

6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL
7º ENCONTRO DE GTS DE PÓS-GRADUAÇÃO
3º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO

Qual cidade de São Paulo?

Podemos perceber como se constroem territórios urbanos dentro da cidade, muitas vezes, de maneira informal, disputando espaço entre o público e privado, se apropriando de versões globais sem abandonar sua tradição local (GARCIA CANCLINI, 1998), aplicando originais formas de negociar e conviver em uma cidade repleta de diversidades, onde a rua é o grande palco destas demonstrações urbanas paulistanas. A criatividade como a arma do fraco (CERTEAU, 1994), permite a adaptação nestes territórios, torna-se mais do que uma forma de expressão; trata-se, em regiões como o Beco do Batman, de recursos de sobrevivência e visibilidade, transcendendo para outras maneiras de protagonismos.

Procurar entender a cidade de São Paulo, como uma via de mão única para o futuro, como um *cluster* homogêneo de desenvolvimento, não explica a realidade observada. Ainda que muito próximas geograficamente, estas áreas estão distantes do ideal de desenvolvimento e, de maneira geral, de qualidade de vida imaginada para um centro urbano desenvolvido, ao mesmo tempo que circula, envolve e é envolvida por uma metrópole complexa que articula demandas expressivas para o país na economia, na política, na tecnologia e na cultura. O “circular”, físico ou virtual, por uma cidade com estas características estabelece relações de trocas. Os jovens são influenciados e influenciam, aumentando seus limites e abrangência, negociando e se apropriando, principalmente via internet, um nomadismo real e simbólico muito presente no cotidiano urbano que permite conhecer e reconhecer novos espaços urbanos.

A metrópole de São Paulo expressa hoje a marginalidade social de um país que combina conflituosamente o atraso com a modernização, uma cidade que ainda não se livrou completamente de sua herança colonial. Aplica-se um modelo construído como uma "entrada" para o primeiro mundo, via globalização, mas que muitas vezes representa a continuidade da imposição dos interesses de um capitalismo hegemônico, tanto no que tange à dependência internacional, quanto à hegemonia interna exercida por nossas elites. Em contrapartida, juventudes buscam seu espaço nesta metrópole, rearticulando identidades e expressando suas construções simbólicas de parte desta “cidade global”, principalmente via consumo e sociabilidades, atravessados por lógicas comunicacionais apropriadas e expressadas através da arte de rua principalmente. A sua presença física ainda se traduz como um incômodo para elites, conforme verifica-se nas ocorrências de repressão a manifestações populares,



COMUNICON2018
congresso internacional
comunicação e consumo

6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL
7º ENCONTRO DE GTS DE PÓS-GRADUAÇÃO
3º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO

onde os jovens de origem periférica são impedidos de fazer encontros ou mesmo frequentar espaços da cidade.

A visibilidade dos espaços de arte paulistanos são, muitas vezes, percebidos por estas culturas juvenis (BORELLI, 2003) através dos usos da tecnologia. Para compreender a dinâmica que a internet tem assumido no mundo contemporâneo, Appadurai (2004), aponta para a importância desse processo de intensificação das migrações e do desenvolvimento das tecnologias da informação e da comunicação. O antropólogo destaca que esses dois elementos atuam sobre a constituição das subjetividades modernas. Assim, a imaginação assume um papel fundamental, pois, mesmo que não se desloquem fisicamente, estes jovens moradores da periferia – através dos meios de comunicação - estão se imaginando em outros lugares, realidades e experiências. A imaginação, afirma o autor, saiu do âmbito expressivo da arte para a vida cotidiana, ou seja, cultura. No entanto, é importante lembrar que a obra da imaginação, segundo ele, não é necessariamente totalmente emancipadora, nem inteiramente disciplinadora.

Do ponto de vista urbano, esse processo se repete: sobre uma cidade que exclui e condena à indignidade um grande contingente da população, é sobreposta uma matriz modernizadora capitalista, ancorada no consumo e tecnologia que teria supostamente a capacidade de promover a superação dessa exclusão. Uma nova configuração urbana supostamente capaz de dar às cidades as condições necessárias à sua inserção competitiva no “novo mundo globalizado”, uma construção simbólica legitimada por uma visão hegemônica que exclui e ignora a população moradora das regiões periféricas desta cidade, reforçando a ideia construída de “cidade dentro da cidade” que remete à ideia apresentada por Siqueira, (2012), se referindo a este espaço como o “centro do mundo”, daí uma maneira de construção de um imaginário que ao mesmo tempo que se apropria do global, usa filtros regionais que influenciam fortemente na construção destas maneiras de ser e agir.

Featherstone (1996) critica interpretações simplistas do processo de globalização, como sendo homogeneização ou contrariamente fragmentação, propondo a complexidade diante de situações assim. Estratégias de resistência, preservação, adaptação de culturas locais e globais, mostram-se em negociação, propondo um modelo de apropriação interno e externo. Para Garcia Canclini (2000), a cultura global se apropria destes elementos de visibilidade sem o banimento da cultura local predominante – elementos de cada região da cidade - sendo que a cultura local também faz o movimento contrário. Uma postura nova em relação ao mundo que cercam os jovens desta região, não



COMUNICON2018
congresso internacional
comunicação e consumo

6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL
7º ENCONTRO DE GTS DE PÓS-GRADUAÇÃO
3º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO

mais de puro enfrentamento, mas negociada, conservando o pertencimento e identidade local e adaptada a aspectos hegemônicos.

Realidade contrária ao pensamento comum hegemônico, que sugere o estigma (GOFFMAN, 1988), de uma lógica totalizante e uma homogeneização, que empobrece o entendimento do Outro. Muitas das representações midiáticas sobre a arte de rua, e seus diversos gêneros extrapolam as questões da arte e se desenrolam em críticas sobre a criminalização e sensualidade - temas não excluídos do grafite e encontrados também em diversas representações juvenis, como rap, funk, poesia etc.

Considerações “finais”

Existe um início para a proposta de perceber a cidade, porém não se pode imaginar uma maneira de encerrar a pesquisa, já que se trata de um ligeiro mutante, e quando se consegue perceber um fenômeno, este já virou uma outra coisa, em outros sentidos e para outros agentes. Trabalhar com um objeto tão volúvel e instável é um exercício de percepção da limitação do pesquisador, aceitando que existe uma grande diferença entre perceber o caminho, percorrer o caminho e, ainda, compreender os trajetos e seus caminhantes. Como não letrados, que percebem os livros, e ainda que sigam as linhas e figuras com atenção, são incapazes de decifrar os textos, o que, de maneira imediatista, poderia corresponder a um diagnóstico observado pela lente limitada da razão. Porém, não estamos tratando apenas das ordens cartesianas, mas de outros sensórios, que acionam a percepção sensível (MAFFESOLI, 1998), onde importam as subjetividades e valores simbólicos que estes “analfabetos” constroem, considerando o lúdico e poético, os sistemas acionados pelos afetos em todas as suas potências, reconfigurando outras maneiras de interpretar e de ler as apropriações dos espaços urbanos.

Este artigo realizado como exercício baseado em inspirações etnográficas, fundamentados pelas teorias de CARERI (2002) e JAQCUES (2014), contribuem para a formulação de um pensamento tanto em relação à atenção que deve ser dada aos espaços não observados ou possíveis “não espaços”; quanto a necessidade de caminharmos pela cidade em busca de uma possível desorientação, causada no momento que assumimos que nas cidades as mudanças acontecem constantemente. A descrição e o conhecimento de uma cidade mutante e continuamente diversificada por seus habitantes, (CARERI, 2002), além de contribuir para as necessidades de caminhadas e andanças como meio de observação,



COMUNICON2018
congresso **internacional**
comunicação e consumo

6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL
7º ENCONTRO DE GTS DE PÓS-GRADUAÇÃO
3º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO

corroborar também com o conceito da cidade como agente (LATOUR, 2002), atuando continuamente neste dinamismo, de maneira que possibilite novas possibilidades e atores protagonistas.

Apropriando-nos do conceito de pós-periferico (Rocha, Silva e Pereira, 2015), em seus borramentos de delimitações entre espaços, cenas e territórios, associado com o exercício proposto por CARERI (2002), de pensar a cidade como arquipélagos, onde os acontecimentos que estão à margem, “banhados” pelas ondas, que constantemente trazem e levam transformações dos centros às margens; isso nos permite assumir a necessidade que algumas observações e escutas, que acionam afetos e interações que só percebemos quando, literalmente andamos e nos perdemos pelas cidades, expondo nossos corpos e sentidos. Permitindo ver, escutar e sentir, em suas representações de pertencimento, configurando espaços interculturais repletos de apropriações cosmopolitas, porém em diálogo com a identidade cultural local, em seus processos de hibridismos e negociações.

Referências

APPADURAI, Arjun. **Dimensões culturais da globalização**. Lisboa: Teorema, 2004.

_____. **Soberania sem Territorialidade**. Revista Novos Estudos CEBRAP, n. 49. 1997.

BORELLI, Silvia, OLIVEIRA, Rita, ROCHA, Rose et alli. **Jovens na cena metropolitana**. São Paulo: Paulinas, 2009.

BORELLI, H. Silvia, PEREIRA, Simone Luci. **Música “alternativa” na Vila Madalena: práticas musicais juvenis na cidade**. Fronteiras, v.17, n 3. 2015.

CARERI, F. **Walkscapes: o caminhar como prática estética**. São Paulo. Ed. G. Gilli, 2013.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: Artes de fazer**. Petrópolis: Vozes. 1994.

CRUCES, Francisco. **Cosmópolis: nuevas maneras de ser urbanos**. Barcelona: Gedisa, 2016.

DELGADO, Manuel. **EL animal Público: hacia una antropología de los espacios urbanos**. Barcelona. Ed. Anagrama, 1999.

FEATHERSTONE, Mike. **Localismo, Globalismo e Identidade Cultural**. Volume XI, número 1, 9-42, jan.- jun., 1996. 129



COMUNICON2018
congresso internacional
comunicação e consumo

6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL
7º ENCONTRO DE GTS DE PÓS-GRADUAÇÃO
3º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO

FEIXA, Carles Pàmpol. **A construção histórica da juventude**. In.: CACCIA-BRAVA, Augusto et al. *Jovens na América Latina*. São Paulo: Escrituras Editora, 2004.

GARCIA CANCLINI, Néstor (1995). **Consumidores e Cidadãos: conflitos da globalização**. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ.

_____. **Diferentes, desiguais e desconectados**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2005.

_____. **Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade**. 3 ed. São Paulo: EDUSP, 2000.

_____. **A Sociedade sem Relato**. Antropologia e Estética da Iminência. São Paulo: Edusp, 2012.

GOFFMAN, Erving. **Estigma: Notas sobre a Manipulação da Identidade Deteriorada**, Rio de Janeiro, Editora LTC, 1988.

GONZÁLEZ-VICTORIA, Luis Manuel. Artes de acción: re-significación del cuerpo y el espacio urbano. Universidad del Valle, Cali – Colombia. **Revista Nodo** n10, vol. 5, p. 55-72, junho/2011.

HAESBAERT, R. **Territórios alternativos**. São Paulo/Rio de Janeiro: Contexto/ EdUFF, 2002.

HARVEY, D. O Direito à Cidade. **Lutas Sociais**. São Paulo, n.29, p.73-89, jul./dez. 2012

HALL, Stuart. **Da Diáspora: identidade e mediações culturais**. Organização de Liv Sovik. Tradução de Adelaide La Guardia. Belo Horizonte: Editora UFMG; Brasília: UNESCO, 2003.

HERSCHMANN, M. Cenas, circuitos e territorialidades sônicas-musicais. In: JANOTTI JR. J.; SÁ, S.P. (Org.). **Cenas Musicais**. Guararema/SP. Ed. Anadarco, 2013

HERSCHMANN, MICAEL E FERNANDES, CINTIA. **Músicas nas ruas do Rio de Janeiro**. São Paulo: INTERCOM, 2014.

JACQUES, P. B. **Elogio aos errantes**. Salvador: EDUFBA, 2012.

MAFFESOLI, Michel. **Elogio da razão sensível**. São Paulo. Ed. Vozes, 1998.

LATOUR, Bruno. **Reagregando o social** – uma introdução à Teoria Ator-Rede. Salvador: Edufba, 2012

ROCHA, Rose de Melo. **Políticas de visibilidade como fatos de afecção: Que ética para as visibilidades?** *Famecos*, v 17, n 13, p. 199 – 206. set./dez. Porto Alegre, 2010.

ROCHA, Rose de Melo. SILVA, Josimey Costa. PEREIRA, Simone Luci. **Imaginários de uma outra diáspora: consumo, urbanidade e acontecimentos pós-periféricos**. *Galaxia* (São Paulo, Online), n. 30, p. 99-111, dez. 2015.



COMUNICON2018
congresso internacional
comunicação e consumo

6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL
7º ENCONTRO DE GTS DE PÓS-GRADUAÇÃO
3º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO

SIQUEIRA, Denise. MATHEUS, Letícia. **Logos: Comunicação & Universidade** - Vol.42, Nº 1 (2015) - Rio de Janeiro: UERJ, Faculdade de Comunicação Social, 2015.

SILVA, Tomaz Tadeu. **Identidade e Diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Quem Precisa de Identidade? P. 103-133. Petrópolis: Vozes, 2000.

SPINOZA, Baruch. **Ética**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

SANTOS, Boaventura de Souza. **Renovar a Teoria Crítica e Reinventar a Emancipação Social**. São Paulo. Boitempo Editorial, 2007.